



A MEDALHA OLÍMPICA DE DARIO BARBOSA: UMA HISTÓRIA A PARTIR DO OBJETO

THE OLYMPIC MEDAL OF DARIO BARBOSA: A HISTORY FROM THE OBJECT

*Christiane Garcia Macedo, **Fúlvio Dickel e ***Silvana Vilodre Goellner

RESUMO

A inserção do Brasil nos Jogos Olímpicos ocorreu na edição da Antuérpia realizada em 1920. Entre os atletas participantes estava o gaúcho Dario Barbosa que integrou a equipe de tiro esportivo, conquistando uma medalha de bronze. Apoiado nos estudos da cultura material e utilizando alguns registros sobre essa participação, o objetivo desse texto é analisar a medalha conquistada por Dario Barbosa nos Jogos Olímpico da Antuérpia em 1920 considerando o contexto de sua produção e circulação. Ao analisarmos a materialidade deste artefato visibilizamos aspectos relativos a inserção do Brasil neste evento esportivo, valorizando o pioneirismo dessa história.

Palavras-chave: Jogos Olímpicos; Cultura Material; História; Esporte.

ABSTRACT

The insertion of Brazil in the Olympic Games occurred in the edition of Antwerp realized in 1920. Among the participating athletes was the gaucho Dario Barbosa that integrated the sport shooting team, conquering a bronze medal. Based on the studies of the material culture and using some records on this participation, the aim of this text is to analyze the medal conquered by Dario Barbosa at the Antwerp Olympic Games in 1920 considering the context of its production and circulation. When analyzing the materiality of this artifact we visualize aspects related to the insertion of Brazil in this sporting event, valuing the pioneering of this history.

Keywords: Olympic Games; Material Culture; History; Sport.

Recebido em: 07/12/2016

Aprovado em: 25/01/2017

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
Email: chrismacedo@gmail.com

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
Email: fbd26@yahoo.com.br

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS
Email: vilodre@gmail.com



INTRODUÇÃO

A participação nos Jogos Olímpicos não raras vezes é representada como um expressivo momento na vida de atletas do mesmo modo que, para os países participantes, é divulgada a ideia de que integram o evento no qual acontece uma grande confraternização tendo como foco o esporte. Realizados desde 1896 e idealizados pelo pedagogo e historiador francês Pierre de Frey, conhecido como Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), os Jogos Olímpicos da Era Moderna apresentam símbolos marcantes e amplamente divulgados para além do campo esportivo, tais como os elos olímpicos, a bandeira, os mascotes e as medalhas, os quais têm sido valorizados no âmbito da historiografia e da museologia. Segundo Moore (2012, p. 104):

Os museus esportivos estão se tornando um fenômeno global e o esporte começa a ser olhado e interpretado de forma muito mais ampla nos museus como um todo. A análise acadêmica de museus esportivos, enquanto de valor intrínseco, também irá ajudar muito no desenvolvimento do esporte em museus¹.

Considerando o crescente interesse e a importância da análise dos objetos que podem compor os museus, o objetivo desse texto é analisar a medalha de bronze conquistada por Dario Barbosa nos Jogos Olímpico da Antuérpia em 1920, considerando o contexto de sua produção e circulação. Para tanto apresentamos algumas questões sobre o uso de objetos como fonte, a apresentação em si do objeto, o contexto de sua produção e algumas representações que foram criadas sobre ele. Consideramos a medalha como um artefato da cultura material, representativo para a história do Esporte, que evoca memória e pode não só ilustrar, mas permitir novos olhares.

ARTEFATOS COMO OBJETO DE ESTUDO E FONTE HISTÓRICA

Os museus e outros lugares de memórias

(NORA,1993), têm se preocupado com a conservação e contextualização de objetos. Além disso, a própria historiografia tem se debruçado sobre eles, reconhecendo a importância da sua análise visto que “fora de seu contexto original, valorizado por características a ele totalmente alheias, o objeto deixa de ser objeto e passa a ser ‘documento’ e, aquilo que ele tem de mais intrínseco, que é ser produto e vetor da ação humana” (SUANO, 1986, p. 88). Gomes e Braghini (2013, p. 86) afirmam que os “objetos são canais pelas quais essas marcas pouco evidentes se manifestam do passado, para o presente. Eles são ativadores da memória” e por essa razão são fontes importantes para os estudos históricos.

Os artefatos também pautam discussões no campo da arqueologia. Segundo Funari (2008), é apenas no século XIX que os objetos coletados por arqueólogos passam a ser utilizados como fontes de pesquisa pelos historiadores. Até então, grosso modo, eram considerados como antiguidades ou mesmo curiosidades. Tal perspectiva se alterou em função de ações empreendidas por museus, em especial, aquelas voltadas para a identificação, catalogação e organização de objetos coletados nas investigações de cunho arqueológico.

A partir da identificação dos objetos foi possível ligá-los aos grupos sociais e às representações que traziam de acontecimentos ligados a esses grupos. Os objetos passam, dentro dessa perspectiva, a ter sentido na sociedade contemporânea como “memória-documento” (BARBOSA; PORTO, 2011, p. 196), ou seja, como algo que materializa e registra a memória, tornando-se, portanto, objeto de estudo e fonte de pesquisa. Para essa incorporação, foi necessário refletir também sobre as suas especificidades e as formas de uso para análise. Tais possibilidades foram investidas pelos estudos desenvolvidos pelo campo da Cultura Material cujas produções têm auxiliado a pensar o trabalho com os artefatos.

Por cultura material poderíamos entender aquele segmento do meio físico que é socialmente apropriado pelo homem. Por apropriação social convém

¹ A tradução apresentada foi realizada de forma livre.



pressupor que o homem intervém, modela, dá forma a elementos do meio físico, segundo propósitos e normas culturais. Essa ação, portanto, não é aleatória, casual, individual, mas se alinha conforme padrões, entre os quais se incluem os objetivos e projetos. Assim, o conceito pode tanto abranger artefatos, estruturas, modificações da paisagem, como coisas animadas (uma sebe, um animal doméstico), e, também, o próprio corpo, na medida em que ele é passível desse tipo de manipulação (deformações, mutilações, sinalações) ou, ainda, os seus arranjos espaciais (um desfile militar, uma cerimônia litúrgica). Para analisar, portanto, a cultura material, é preciso situá-la como suporte material, físico, imediatamente concreto, da produção e reprodução da vida social (MENESES, 1983, p. 112).

O campo de estudos da Cultura Material ao mesmo tempo que possibilita a ampliação do olhar sobre os artefatos em si, seus contextos e técnicas de produção e uso, pauta, também, as dificuldades de seu uso nas pesquisas acadêmicas, questionando o uso tradicional, quase exclusivo, de fontes textuais. Segundo Rede (1996), o trabalho com a cultura material trouxe novos olhares sobre problemas e também novos problemas, sendo necessário uma mudança de raciocínio.

Esses olhares ajudam a questionar o uso das fontes textuais, especialmente aquelas produzidas por órgão oficiais (leis, decretos, atas, certidões). Se outrora o que estava escrito tinha maior confiabilidade do que o depoimento oral, as imagens e os artefatos, com as discussões sobre esses tipos de fonte, o documento textual é repensado a partir da crítica que lhe é imputada. Com isso, as fontes que são utilizadas nas pesquisas históricas são priorizadas a partir do problema ou da questão norteadora da investigação não simplesmente por serem textuais. A confiabilidade do documento escrito também é questionada por Le Goff (1984), quando afirma que essa produção não deve ser tomada como “a verdade” visto que todo documento/fonte deve ser colocado sob análise

crítica, ou seja, deve ser questionado sobre aspectos como quem o produziu, em qual contexto, por quais razões, etc. Essa mesma forma de análise pode ser estendida para os objetos tridimensionais compreendidos, portanto, como documentos.

Nesse processo de crítica das fontes, as informações sobre a materialidade do objeto podem trazer indícios para responder as perguntas que a ele fazemos. Por meio de sua releitura e problematização podemos conhecer os materiais possíveis de serem utilizados na época de sua produção (metal, madeiras, cerâmica, etc) assim como podemos entender quais foram as preferências gráficas e as informações inscritas no objeto, associando-as as representações de seu tempo, ao imaginário social e aos padrões estéticos.

É nesse sentido que é possível falar numa memória que impregna e restitui “a alma nas coisas”, referida a uma paisagem (inter)subjetiva onde o objeto (re)situa o sujeito no mundo vivido mediante o trabalho da memória, ou ainda, é da força e dinâmica da memória coletiva que o objeto, enquanto expressão da materialidade da cultura de um grupo social, remete à elasticidade da memória como forma de fortalecer os vínculos com o lugar, considerando as tensões próprias do esquecimento (SILVEIRA; LIMA FILHO, 2005, p. 38, grifo do autores).

Diante de tais considerações, podemos indagar: Como olhar para o objeto? Como transformá-lo em fonte? Como analisá-lo? Du Gay e colaboradores (1997), ao fazerem uma análise sobre um artefato específico, o Walkman² desenvolvido pela Sony, propõem cinco processos para análise de artefatos culturais, que em conjunto formariam o circuito cultural desse artefato: Representação, Identidade, Produção, Consumo e Regulação. Esses processos, segundo os autores, não estão isolados, se sobrepõem e não possuem uma hierarquia, sua divisão é didática. Assim, “deveríamos pelo menos explorar como ele [o artefato] é representado, que identidades sociais são associadas a ele, como é produzido e consumido e que

² Aparelho portátil para reprodução de áudio, marca registrada da Sony Corporation.



mecanismos regulam sua distribuição e uso” (DU GAY ET AL., 1997, p. 3). Para tanto, o objeto que será aqui analisado, a medalha conquistada por Dario Barbosa, foi questionada nesses seus processos, e colocada em diálogo com fontes para além da própria medalha.

Juntamente a essa proposta, tomaremos por base a proposta de análise histórica de Pesavento (2005, p. 64), que indica que na pesquisa “é preciso recolher os traços e registros do passado, mas realizar com eles um trabalho de construção, verdadeiro quebra-cabeças ou puzzle de peças, capazes de produzir sentido”. Não se trata de um quebra-cabeças com exatamente todas as peças se encaixando perfeitamente, mas um que várias peças possam fazer relação umas com as outras em diferentes níveis e nem sempre irão se encaixar perfeitamente. Porém, vendo suas relações e lacunas podemos buscar outros indícios para compor essa história.

Nesse trabalho além da própria peça que é objeto de estudo e fonte, também buscamos apoio em bibliografias sobre os Jogos Olímpicos da Antuérpia, em registros existentes no espaço que guarda a peça e em um depoimento de seu doador. Buscamos questionar o objeto tentando entender sua origem, suas representações, cada símbolo que figurava nele, seus usos, sua circulação e produção. Iniciamos a seguir por sua descrição, mais relacionada aos aspectos físicos e visuais.

A MEDALHA

O objeto sobre o qual nos debruçamos refere-se a uma medalha conquistada pelo porto-alegrense Dario Barbosa (1882-1965) na prova de tiro esportivo com pistola livre de 50 metros nos Jogos Olímpicos da Antuérpia, realizados em 1920. Reconhecida socialmente como Medalha de Bronze por se referir à conquista da terceira colocação de uma prova específica, a peça

pertence ao acervo do Centro de Memória do Esporte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Está guardada em um estojo em couro na cor bordô contendo a seguinte inscrição em dourado: “3me PRIX VII^a *Olympiade* ANVERS D20” (3^o Prêmio 8^a Olimpíada Antuérpia 1920). O interior do estojo é revestido por tecido acetinado branco. A peça em si tem 60 milímetros de diâmetro, 3,5 milímetros de espessura e 85 gramas. Não possui fita ou cordão de suporte³ sendo projetada por Josué Dupon (1864-1935) um escultor belga cuja origem indicada na peça⁴ é de Coosemans, Bruxelas.

A parte frontal da medalha apresenta, ao centro, a imagem de um atleta, desenhado em postura ereta, peito à frente, olhos ao horizonte, cujo corpo apresenta músculos delineados. Aparece segurando uma tiara olímpica e um ramo de folhas de palma, o que certamente representaria a conquista do pódio. Do seu lado direito figura uma mulher, provavelmente a deusa grega Fama⁵, tocando um instrumento parecido com uma trombeta de anjo. À esquerda em segundo plano está a figura de um espectador sob um palanque, possivelmente referenciando autoridades ou os juízes da competição. Transpassa abaixo destas duas imagens um padrão gráfico comumente encontrado dentre as artes gregas clássicas qual está posicionado acima do título da competição, inscrito em caixa alta: “VII OLYMPIADE” (8^a Olimpíada).

Em seu verso está gravado em alto relevo uma das faces do monumento da Antuérpia⁶ em comemoração a lenda de Braba⁷ que, segundo o Comitê Olímpico Internacional, contaria a história de Silvius Braba que derrotou o gigante Druoon Antigoon que aterrorizava a população, cobrando pedágio no rio Escalda que corta a cidade. O monumento, que se trata de uma fonte, representa a cena que o herói teria cortado a mão do gigante e a arremessado ao rio. Ele está no topo, sobre um pequeno barco, segurando a mão do gigante acima da cabeça, com uma postura

³ Os Jogos Olímpicos de Saint Louis em 1904 foram os únicos onde a medalha possuía uma fita de sustentação entre 1896 e 1956. A partir de 1960 todas as medalhas possuíam a fita.

⁴ Provavelmente o nome da empresa que confeccionou a peça.

⁵ Segundo informações do site do Comitê Olímpico Internacional: <https://www.olympic.org/antwerp-1920-medals>.

⁶ Localizado em frente a prefeitura.

⁷ Segundo informações do site do Comitê Olímpico Internacional: <https://www.olympic.org/antwerp-1920-medals>.



que indica que está arremessando-a. Abaixo se apresentam figuras de três mulheres (talvez sereias) sustentando o barco e alguns animais e partes de corpos do gigante sobre pedras. Na medalha, ao fundo da imagem do monumento,

aparece uma paisagem urbana, com o porto (a esquerda, com várias embarcações) e a catedral e Antuérpia (a direita), circundadas pela inscrição “ANVERS MCMXX” (Antuérpia 1920).

Figura 1 - Medalha de Bronze conquistada por Dario Barbosa (1920)



Fonte: Acervo do CEME⁸

Feita essa descrição podemos fazer várias leituras: uma delas, e a que aqui desenvolvemos, recai na possibilidade destas inscrições produzirem um imaginário em torno dos Jogos Olímpicos. Um deles seria a imagem do atleta que remete ao lema olímpico “*Citius, Altius e Fortius*” (Mais rápido, mais alto e mais forte), cujo corpo demonstra a capacidade de alcançar a glória da vitória diante de seus adversários. Nas palavras do fundador dos Jogos:

A primeira característica essencial das Olimpíadas Modernas é que, como as Olimpíadas da Grécia Antiga, elas constituem uma religião. Através do exercício, o atleta dos tempos clássicos esculpia seu físico tanto quanto um artista cinzela uma estátua, e, ao fazê-lo, ele estava honrando seus deuses. Nos tempos modernos, o atleta em sua realização honra seu país, sua raça e sua bandeira nacional (DE COUBERTIN, 1956, p. 52)⁹.

A presença da deusa grega Fama pode figurar aqui, também na tentativa de trazer à tona

alguns ideais da Antiguidade Clássica, tão evocados por Pierre de Coubertin na constituição dos Jogos Olímpicos, como podemos ver em seus inscitos sobre o Olimpismo (DE COUBERTIN, 2015).

Além dessas inferências podemos pensar que inscrever em um objeto da cultura material, referências sobre o local de realização do evento, sua cidade e espectadores, valoriza elementos constituintes da identidade de uma cidade. Ao observarmos as medalhas dos Jogos Olímpicos de Atenas (1896) e Saint Louis (1904) também percebemos a presença de paisagens, mas de prédios característicos da antiguidade, especificamente a Acrópolis e o Parthenon. Já a medalha dos Jogos Olímpicos de Paris, realizados no ano de 1900, apresenta paisagens de campos, portanto, de elementos da natureza. As medalhas referentes as edições dos Jogos Olímpicos posteriores a 1920¹⁰ não apresentam paisagens nem monumentos, sendo que das edições de Estocolmo (1928) a Sidney (2000) a imagem de frente é praticamente a mesma, uma

⁹ A tradução apresentada foi realizada de forma livre

¹⁰ Analisamos as medalhas de 1924 a 2016, dos Jogos Olímpicos de Verão.



mulher (provavelmente a deusa romana Victoria ou deusa grega Nice¹¹), segurando uma coroa de louros e uma folha de palma e ao fundo um estádio, depois de 2000 a imagem mudaria um pouco mantendo os mesmos elementos. De certa forma, isso traz para a medalha da Antuérpia, a especificidade de valorização da cidade sede e da civilização.

CONTEXTO DA MEDALHA

A medalha de Dario Barbosa foi uma das primeiras medalhas olímpicas conquistadas pelo Brasil. Além disso, nos reporta a primeira participação do Brasil nos Jogos Olímpicos cujas competições ocorreram na cidade belga, entre os dias 20 de abril e 12 de setembro de 1920, contando com a representação de 29 países. Foi nesta edição da Antuérpia que no ritual olímpico foram inseridos alguns acréscimos: o juramento do atleta¹², hasteamento da bandeira olímpica contendo os cinco anéis coloridos e entrelaçados sobre fundo branco representando os cinco continentes e a revoada de pombas brancas na Cerimônia de Abertura. (RUBIO, 2004; ROCHA; NICOLINI, 2008).

Vale lembrar que neste período o mundo ainda se recuperava da I Guerra Mundial e a escolha da Antuérpia como cidade-sede foi uma homenagem do Comitê Olímpico Internacional ao povo belga, que em 1914 foi atacado pelas forças alemãs na tentativa de invadir a França. Esta foi a sétima edição dos Jogos Olímpicos¹³, cuja organização se deu em um cenário de recesso econômico, portanto, foi despendido pouco dinheiro contando com muitas

improvisações e com a colaboração do povo belga que, inclusive, hospedou muitos atletas. (COB, 2004; RUBIO, 2004). Para o Brasil esta edição é bastante emblemática visto que, inaugura sua participação neste evento internacional. Considerando a ainda insipiente estrutura esportiva do país, nossa delegação¹⁴ foi composta por 21 atletas¹⁵, todos homens, os quais participaram das provas de natação, polo aquático, saltos ornamentais, remo e tiro.

Para participar da competição a delegação brasileira enfrentou vários desafios: sem apoio, os próprios atletas, todos amadores, arcaram com os custos de sua viagem embarcando em um navio cargueiro com cabines tão ruins que optaram por dormir no restaurante do navio, mas só poderiam se deitar após o último cliente sair (COB, 2004). Além disso, segundo Valéria Paraense (apud DAGA, 2015), neta de Guilherme Paraense¹⁶, a comida não era saborosa e as condições de treino durante a viagem eram precárias.

Quando o navio fez escala na Ilha da Madeira, Portugal, os atletas ficaram sabendo que a chegada à Antuérpia, na Bélgica, estava prevista para uma semana após a data marcada para a disputa das provas. Sem saber que os eventos haviam sido postergados, a delegação desceu do cargueiro e decidiu seguir de trem até a Bélgica em vagões abertos, expostos ao sol, ao vento e à chuva. Assim que passaram pela alfândega, na fronteira belga, os atletas das provas de tiro tiveram suas armas e munições confiscadas restando a cada um dos competidores da modalidade apenas uma arma. No entanto, as adversidades para a equipe de tiro persistiram: ao chegarem à Bruxelas foram

¹¹ Miranda e Brauner (2000) analisam alguns aspectos da deusa Nice ou Nike e sua relação com o esporte e os Jogos Olímpicos. Os autores lembram que a deusa é relacionada aos sucessos obtidos por empreendimentos humanos, especialmente à guerra. As medalhas dos jogos de Paris (1900), Saint Louis (1904), Londres (1908) também apresenta imagens da Deusa Nice.

¹² Proferido pelo esgrimista belga Victor Bouin (ROCHA; NICOLINI, 2008).

¹³ Os Jogos Olímpicos que antecederam os de 1920 foram: Atenas (1896), Paris (1900), Saint Louis (1904), Londres (1908), Estocolmo (1912). Os jogos de Berlim (1916) foram cancelados em função da I Grande Guerra.

¹⁴ Esta delegação não foi organizada pelo nosso Comitê Olímpico. As tratativas foram feitas pelo embaixador brasileiro na Suíça Raul Paranhos do Rio Branco (ROCHA; NICOLINI, 2008).

¹⁵ Este número é citado por Rocha e Nicolini (2008) e pelo Comitê Olímpico Brasileiro (2004). Segundo site do Comitê Olímpico Brasileiro também acompanharam a delegação mais três pessoas. E alguns sites consultados o número de atletas é de 29. ALCÂNTARA, Hélio. O Brasil não pode perder o que já ganhou: Olimpíadas: Antuérpia 1920. Publicado em: 9 de julho de 2011. Disponível em: <http://memoriadoesporte.org.br/2011/07/09/antuerpia-1920-2/>. Acesso em: 08 abr. 2016.

¹⁶ Guilherme Paraense era militar, nasceu em Belém no dia 25 de junho de 1884, e faleceu no Rio de Janeiro de 18 de abril 1968. Integrou a equipe de tiro.



roubados e a equipe ficou com apenas uma arma e 200 munições, sendo que cada atleta precisaria 75 para a realização das provas. Quando a delegação brasileira chegou na cidade da Antuérpia se depararam com outro problema: não receberam a ajuda financeira prometida pelo governo brasileiro, o que os fez recorrer ao cônsul brasileiro que estava na Antuérpia cujo auxílio garantiu a alimentação e a hospedagem dos atletas. Tal ajuda ainda demandou grandes esforços e o percurso até a Beverloo, campo de treinamento do exército belga. Este também era o local de disputas das provas de tiro e o trajeto foi feito a pé (COB, 2004; ROCHA; NICOLINI, 2008). Ao chegarem ao campo de Beverloo perceberam que os melhores lugares já haviam sido ocupados pelas demais delegações, o que não os fez esmorecer.

O capitão Afrânio Costa se enturmou e jogou xadrez com a delegação norte-americana, que se compadeceu e cedeu parte de seu moderno arsenal: 2.000 cartuchos. Porém, a única arma que os brasileiros tinham em mãos não dava esperança de qualquer resultado. Depois de ver as primeiras performances do Brasil - ruins - os norte-americanos emprestaram duas armas, especialmente desenvolvidas para a equipe dos Estados Unidos pela fábrica Colt (DAGA, 2015, s/p).

Segundo Rocha e Nicolini (2008) os americanos também cederam à equipe cinco alvos para treino. Com esse apoio Guilherme Paranaense, tenente do Exército brasileiro, venceu a prova de tiro com pistola rápida

(revólver 30 metros individual) e conquistou a medalha de ouro. Afrânio Costa obteve o segundo lugar conquistando assim a medalha de prata na prova de tiro com pistola livre de 50 metros individual. E a equipe do Brasil, composta por Afrânio Costa, Dario Barbosa, Fernando Soledade¹⁸, Guilherme Paraense e Sebastião Wolf¹⁹, ganhou a medalha de bronze na prova de tiro com pistola livre 50 metros.

A notícia da conquista das primeiras medalhas olímpicas pelo Brasil²⁰ só chegou ao conhecimento de nossa população dias depois do acontecido visto que as tecnologias informacionais da época advinham de cartas transportadas por navios. Ainda assim, a informação só foi plenamente confirmada quando a equipe brasileira retornou dos Jogos portando na bagagem aquelas peças de bronze, prata e ouro, evidenciando assim, os méritos de tal façanha (COB, 2004). O Brasil concluiu a sua primeira participação nos Jogos Olímpicos em 15º lugar, conquistando as três medalhas no tiro o que lhe permitiu uma classificação à frente de sete dos vinte e nove países participantes: Austrália, Japão, Espanha, Grécia, Luxemburgo, Tchecoslováquia e Nova Zelândia.

A presença de dois atletas gaúchos na primeira delegação olímpica brasileira foi determinante para que tivéssemos acesso à medalha conquistada. Dario Barbosa e Sebastião Wolf já tinham larga experiência na modalidade, pois participavam do clube Tiro 4, remanescente do tiro de guerra²¹ n. 4 além já terem experiência em competições internacionais desde 1910, obtendo bons resultados (RUBIO, 2015).

¹⁷ Afrânio Antônio da Costa trabalhou em serviços públicos chegando a ser Ministro do Tribunal Federal de Recursos e do Supremo Tribunal Federal. Nasceu em Macaé em 14 de março de 1892 e morreu no Rio de Janeiro em 1979.

¹⁸ Fernando Soledade foi médico e viveu no Rio de Janeiro, mas não conseguimos maiores informações.

¹⁹ Sebastião Wolf foi um naturalista, nascido na Alemanha, que obteve a nacionalidade brasileira. Wolf viveu e faleceu em Porto Alegre (RUBIO, 2015). Outra fonte afirma que Wolf também exerceu a profissão de fabricante de biscoitos (CARMONA ET AL., 2014).

²⁰ Conforme <https://www.youtube.com/watch?v=pbJ9ugaRcTk>.

²¹ Os Tiros de Guerra formavam reservistas para o Exército brasileiro. A Associação Tiro Nacional Porto Alegrense recebeu o registro n. 4, por isso ficou conhecido como Tiro n. 4 (CARMONA ET AL., 2014). Essa associação foi fundada em 24 de fevereiro de 1906, pelo coronel Germano Steigleder (Site do Tiro Flu, por Eduardo Ferreira). Disponível em: http://www.tiroflu.com/artigos/eduardo_ferreira/tiro_4.htm. Acesso em: 13 abr. 2016.

Figura 2 - Dario Barbosa e Sebastião Wolf (1920)

Fonte: Acervo do CEME²²

Suas conquistas foram preservadas pela família, o que permitiu que a peça chegasse até o acervo do Centro de Memória do Esporte. Gilda Barbosa, sobrinha de Dario foi a responsável pela doação da medalha a um atencioso e zeloso colecionador gaúcho: Henrique Felipe Bonnet Licht, um médico porto-alegrense que por mais de 50 anos reuniu peças relativas ao esporte, sobretudo, olímpico. Em 2002, o Dr. Licht decidiu doar seu acervo ao Centro de Memória do Esporte, dentre eles a medalha que aqui analisamos. Em entrevista concedida ao Projeto Garimpendo Memória²³ no ano de 2014, descreve como obteve a medalha e o significado que teve para o seu acervo pessoal:

Julgo que a peça mais importante, recebi da professora Gilda Barbosa, sobrinha do glorioso atirador Dario Barbosa, a medalha de bronze, equipe de tiro esportivo, nos Jogos Olímpicos de

Antuérpia em 1920. A primeira conquistada por atletas brasileiros. Meses após, o destaque da exposição sobre Jogos Olímpicos, que realizei na Sociedade de Ginástica de Porto Alegre, a SOGIPA, no Salão de Esgrima, foi a medalha de Dario Barbosa. Na ocasião, sua sobrinha ficou tão emocionada e agradecida às referências elogiosas ao tio, que, dias depois, doou-me a medalha de participação naqueles Jogos, uma série inédita de fotografias (postais) feitas pelo próprio esportista, seu passaporte, a planilha premiada no tiro, e um cardápio do navio que transportou a delegação brasileira. Posteriormente, esse valioso conjunto foi todo doado ao [trecho retirado para avaliação cega] (LICHT, 2014, p. 5).

Conforme menciona o Dr. Licht, essa medalha está acompanhada de outros

²² Acervo do Centro de Memória do Esporte. Coleção Olímpica. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/9862>.

²³ O Projeto Garimpendo Memórias é desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO) e pelo Centro de Memória do Esporte (CME) tem por objetivo preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, da dança e do lazer no Brasil. Sua principal ação é a realização de entrevista com pessoas que participaram ou presenciaram acontecimentos importantes das diferentes práticas corporais e esportivas. Baseia-se no aporte teórico-metodológico da história cultural e da história oral. Hoje o projeto já possui mais de 500 entrevistas publicadas. Mais informações disponíveis em: < <http://www.ufrgs.br/ceme/projPesq.php?acao=ver&id=1> >.



documentos relativos a participação do Brasil nos Jogos Olímpicos de 1920. Sua importância, portanto, extrapola o mérito individual do atleta ou, neste caso, o mérito coletivo da equipe que a conquistou. Trata-se de um artefato que torna presente uma história importante ao esporte nacional, qual seja, o pioneirismo naquele que se tornou o maior evento esportivo mundial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhar a medalha conquistada por Dario Barbosa como um objeto que narra um tempo transcorrido possibilita entender que a Cultura Material tem muito a contribuir para a reconstrução de histórias afetas ao esporte e a Educação Física. Reconhecê-la como fonte significa dotá-la de história e de memória cuja materialidade permite análises que envolvem sua produção, circulação e uso. O fato de integrar o acervo de um “lugar de memória” (NORA, 1993) implica a aceitação de que possui significados e representações que possibilitam a emergência de múltiplas análises, leituras, interpretações e importância. Um desses reconhecimentos se dá

exatamente porque representa o marco inaugural nas conquistas brasileiras no megaevento esportivo que o país sediou em 2016.

O ano olímpico fez com que o Brasil vivenciasse uma experiência singular ao sediar os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Foram dias plenos de sentimentos, informações e histórias partilhadas, de registros que se inscreveram em nossa memória. Pensar o esporte contemporâneo exige lembrar seu passado, conhecer suas reminiscências, entender as condições de possibilidade que permitiram que ele chegasse a ser o que é. O Brasil olímpico de 2016 só foi possível porque o esporte há muito tempo compõe o nosso imaginário, a nossa cultura, as nossas tradições e os nossos gestos, ou seja, porque o reconhecemos e nele nos reconhecemos. A medalha de bronze conquistada pelos atiradores brasileiros, mais do que um objeto depositado em um museu, mostra-se como um documento capaz de dizer algo que até então não havíamos percebido e conhecido. Portanto, fomentador desta e de outras várias e possíveis histórias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Cátia Rodrigues; PORTO, Renata Maria Abrantes Baracho. O Objeto museal em diferentes contextos e mídias. **Em questão**, v. 17, n. 2, p. 95-208, jul./dez, 2011.

CARMONA, Eduardo Klein e colaboradores. Histórias das primeiras participações de atletas Sul-Rio-Grandenses nos Jogos Olímpicos. **Revista portuguesa de ciências do desporto**, S1A/S1R, p. 183-197, 2014.

COMITE OLÍMPICO BRASILEIRO – COB. **Sonho e conquistas**: o Brasil nos Jogos Olímpicos do século XX. Rio de Janeiro: COB, 2004.

DAGA, Bianca. **Lado B das Olimpíadas**. Documento Eletrônico, ESPN. 05 de maio de 2015. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/506653_lado-b-das-olimpiadas-viagem-de-5-confisco-e-roubo-de-armas-a-saga-do-1-medalhista-de-ouro-do-brasil>. Acesso em: 10 mar. 2016.

DE COUBERTIN, Pierre. The fundamentals of the philosophy of the modern Olympics. **Bulletin de Comité International Olympique**, v. 56, p. 52-54, 1956.

DE COUBERTIN, Pierre. **Olimpismo**: seleção de textos. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2015.



DU GAY, Paul e colaboradores. **Praticando estudos culturais**: a história do walkman da Sony. Londres, Inglaterra: Sage Publications/The Open University, 1997.

MIRANDA, Carlos Fabre; BRAUNER, Mario Roberto Generosi. Niké: a apropriação de um mito. Salão de Iniciação Científica. **Livro de resumos**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 2000. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/81688>>. Acesso em: 01 dez. 2016.

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Os historiadores e a cultura material. In: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro; BRAGHINI, Katya Mitsuko Zuquim. Potencialidades de pesquisa em história das ciências a partir da coleção de objetos do CEMEF/UFGM. In: LINHALES, Meily Assbu; NASCIMENTO, Adalson (Orgs). **Organizando arquivos, produzindo nexos**: a experiência de um Centro de Memória. Belo Horizonte, MG: Fino Trato, 2013.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: ENCICLOPÉDIA. **Einaudi**: memória – história. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional, 1984.

LICHT, Henrique Felipe Bonnet. **Depoimento de Henrique Licht**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre, RS: Centro de Memória do Esporte – ESEF/UFRGS, 2014.

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, p. 103-117, 1983.

MOORE, Kevin. Sport in Museums and Museums of Sports: an overview. In: HILL, Jeffrey; MOORE, Kevin; WOOD, Jason. **Sport, history, and heritage**: studies in public representation. Newcastle, Inglaterra: Boydell Press, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n. 10, dez, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.

REDE, Marcelo. História a partir das coisas: tendências recentes nos estudos de cultura material. **Anais do Museu Paulista**, v. 4, n. 1, p. 265-282, 1996.

ROCHA, Aristides Almeida, NICOLINI, Henrique. **Olimpismo no Brasil**: medalhas e classificações. São Paulo: Phorte, 2008.

RUBIO, Katia. **Heróis olímpicos brasileiros**. São Paulo: Zouk, 2004.

RUBIO, Katia. **Atletas olímpicos brasileiros**. São Paulo: SESI-SP, 2015.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Por uma antropologia do objeto documental: entre a “alma nas coisas” e a coisificação do objeto. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, RS, v. 11, n. 23, p. 37-50, jan./ jun., 2005.

SUANO, Marília. **O que é museu**. São Paulo: Brasiliense, 1986.